

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1974

e Lejere (Roskilde, Dinamarca), laboradas por processos tecnológicos proto-históricos, e justamente advoga a necessidade de centralizar uma actividade experimental até agora demasiadamente deixada à iniciativa de cada um.

JORGE DE ALARCÃO

MIROSLAV SARSON, *Les ovins dans U Antiquité d'après les vestiges phéniciens et romains en Tunisie et en Algérie*. Institut National de la Recherche Agronomique de Tunisie, Ariana. Documents Techniques, 65 (avril 1973). 30 p. ronéo. ilustr.

O autor, zootécnico de profissão, inventaria 130 representações de ovinos em esteias, sarcófagos, mosaicos e outras obras, e conclui, do exame dessas representações, que os Fenícios introduziram na África do Norte o carneiro da cauda grossa proveniente da Síria; que o mesmo foi substituído, no séc. ui e na Tunísia central, por uma raça de cauda fina, quando a produção de azeite na região tornou inútil o aproveitamento de gorduras extraídas da cauda daqueles animais; que, no séc. ix, o carneiro de cauda grossa foi reintroduzido, trazido da Síria; que os monumentos pagãos representam predominantemente machos, enquanto os cristãos figuram principalmente fêmeas.

JORGE DE ALARCÃO

GILBERT KAENEL, *Aventicum I. Céramiques gallo-romaines décorées. Production locale des 2^e et 3^e siècles* (Bibliothèque historique vaudoise, Cahiers d'archéologie romande, 1), Avenches, 1974. 1 vol., 128 p., ilustr.

Este volume, primeiro de uma nova série que a Bibliothèque Historique Vaudoise resolveu consagrar aos monumentos e materiais arqueológicos da Suíça românica, constitui um estudo completo, excelentemente ilustrado, da cerâmica de engobe brilhante, decorada, recolhida em Aventicum. O autor adopta a designação de «céramique à enduit brillant» para traduzir a expressão «Keramik mit Glanztonüberzug», últimamente adoptada por Ettlinger (a partir de 1962) em substituição de «Firmisware», que encontramos normalmente nos autores de língua alemã. A obra, baseada na análise de 5373 fragmentos, é um modelo de concisão e clareza.

À caracterização tecnológica, à descrição dos tipos morfológicos, à sistematização dos tipos de decoração, seguem-se quadros estatísticos bem concebidos que permitem uma apreciação rápida dos dados.

As circunstâncias das descobertas não ocupam longamente o autor, dado que, de facto, são irrelevantes para a datação. Apenas se detem na referência dos achados da ínsula 20 (escavada em 1966) e de Saint-Martin

(em 1960): o primeiro, correspondente possivelmente a um armazém, estabelece a contemporaneidade de vários tipos; o segundo, pelas peças defeituosas, é pro va de fabrico local.

Um capítulo é consagrado à distribuição deste tipo de cerâmica na parte ocidental da Suíça. As referências a achados na Gália, Germânia ou Bretanha são ocasionais, nunca sistemáticas, correspondendo a uma intenção declarada: a de estudar apenas a cerâmica de Aventicum, da maneira mais exaustiva, e a de apresentar os resultados da forma mais sintética.

Apresentada como tese de licenciatura, mas revista para publicação, esta obra constitui um modelo para trabalhos deste género.

JORGE DE ALARCÃO

MERCEDES VEGAS, *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*,
Barcelona, Instituto de Arqueología y Prehistoria, Universidad de
Barcelona, 1973. 1 vol., VIII + 164 p., ilustr.

Os trabalhos anteriormente consagrados por Mercedes Vegas à cerâmica romana, pelo rigor da informação e a qualidade das ilustrações, faziam-nos esperar mais e melhor. A obra que o Instituto de Arqueología y Prehistoria da Universidade de Barcelona agora publica com prefácio do seu director não é de modo nenhum o «estudo completo» a que o prefaciador se refere; embora seja «importante e extremamente útil para quantos tenham que enfrentar a arqueologia romana» (ainda palavras do prefaciador), a obra não ultrapassa o nível da compilação que um estudante interessado poderia elaborar como tese de licenciatura, com alguns defeitos que em tal trabalho seriam desculpáveis.

O primeiro desses defeitos parece-nos ser a insuficiência da definição de conceitos, de critérios e de métodos. Logo o conceito de cerâmica comum nos parece demasiadamente lato: a nosso ver, a cerâmica de paredes finas não deve ser considerada comum. Por outro lado, o conceito de tipo é ambíguo. O tipo 1, por exemplo, é ilustrado com 10 peças tão diferentes uma das outras que não podemos deixar de nos perguntar o que é que a autora entende por tipo, pergunta para a qual não encontramos resposta explícita e satisfatória. A obra manifesta uma grande indecisão entre dois conceitos de tipo: o tipo como grupo de peças afins na serventia (assim, os almofarizes constituem o tipo 7) ou afins na forma. Neste segundo caso, porém, Mercedes Vegas atende por vezes a um pequeno pormenor e ignora a globalidade da forma. É o caso do tipo 1: todas (?) as peças ilustradas deste tipo terão o bordo voltado para fora; mas são tão diferentes umas das outras na pança e na ausência ou presença de asas que nos parece violência pretender atribuí-las todas ao mesmo tipo. O mesmo diremos dos tipos 3, 4, 6, 20, 21, etc., etc.

A imprecisão na definição de um tipo implica necessariamente indefinição cronológica e generalidade geográfica: se no mesmo tipo se metem